

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO- LEdoC
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)**

**DA TERRA À ACADEMIA: A TRAJETÓRIA DAS MULHERES
CAMPONESAS DO ASSENTAMENTO MONTE ALEGRE I- UPANEMA/RN**

Maria Clarice de Souza*

Profa. Dr^a. Késia Kelly Vieira de Castro**

*Discente

**Orientadora

RESUMO

O presente estudo explora as lutas e conquistas de mulheres camponesas na trajetória de permanência no ensino superior. A Licenciatura em Educação do Campo, portanto, não apenas oferece uma qualificação profissional para as mulheres camponesas, mas também é um instrumento de transformação social e pessoal, promovendo a equidade de gênero e o fortalecimento das comunidades rurais. Através de suas falas, é possível notar que os desafios combinados resultam em desistência do ambiente acadêmico por algumas mulheres camponesas. No entanto, a implementação de políticas públicas adequadas e uma maior sensibilidade das universidades para as especificidades dessas alunas podem melhorar sua permanência e sucesso acadêmico. A pesquisa trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo com a aplicação de um questionário contendo dezessete perguntas com oito mulheres da comunidade. Este estudo tem como objetivo evidenciar os desafios, a resistência e a perseverança de mulheres da comunidade Monte Alegre I, localizada em Upanema, RN, durante sua trajetória no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), em Mossoró, RN. A pesquisa busca compreender as dificuldades vivenciadas por essas mulheres ao longo de sua formação acadêmica, bem como destacar suas estratégias de superação e permanência no ensino superior.

Palavras-chave: mulheres; ensino Superior; educação do campo.

ABSTRACT

The present study explores the struggles and achievements of rural women in their journey to remain in higher education. The Rural Education Degree Program (LEdoC) not only offers professional qualification to these rural women but also serves as a tool for social and personal transformation, promoting gender equity and strengthening rural communities. Through their testimonies, it is clear that the combined challenges often lead some rural women to drop out of academia. However, the implementation of appropriate public policies and a greater sensitivity by universities to the specific needs of these students can enhance their academic persistence and success. This is a qualitative study, conducted through a questionnaire containing seventeen questions, answered by

eight women from the community. The objective of this research is to highlight the challenges, resilience, and perseverance of women from the Monte Alegre I community, located in Upanema, RN, in their journey through the Rural Education Degree Program (LEdoC) at the Federal Rural University of the Semi-Arid (UFERSA) in Mossoró, RN. The study aims to understand the difficulties faced by these women throughout their academic journey, as well as to highlight their strategies for overcoming obstacles and persisting in higher education.

Keywords: women; higher education; rural education.

1. INTRODUÇÃO

A mulher, como sujeito ativo na sociedade, tem avançado continuamente, alcançando importantes conquistas e objetivos. Observamos o crescimento da presença feminina nas universidades e no campo educacional, onde essas mulheres se afirmam como autoras de suas próprias histórias. Ao longo dos anos, elas têm travado diversas lutas e conquistado direitos, e, diariamente, continuam a buscar uma sociedade mais igualitária, que reconheça e valorize a mulher como protagonista de sua trajetória.

Esta pesquisa aborda a importância da mulher camponesa na luta pela entrada e permanência nas universidades. A escolha desse tema é motivada por minha vivência com as mulheres da comunidade, onde observei como elas conciliam diversas obrigações diárias com a dedicação exigida para cursar um nível superior, especialmente sendo casadas e mães.

A Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEdoC) desempenha um papel fundamental nas comunidades rurais, especialmente pela formação de professores capacitados para atuar nesse contexto. É um curso que resulta das conquistas e direitos obtidos por meio das lutas de movimentos sociais, sendo considerada um direito garantido pelas leis que regem nosso país.

Segundo Arroyo (2017, p. 365), a Proposta do Plano Nacional de Formação dos Profissionais da Educação do Campo busca romper com a abordagem instrumental de qualificação, enfatizando uma formação centrada no ser humano e em seu processo de humanização e emancipação.

Embora muitas mulheres camponesas consigam ingressar na universidade, nem todas conseguem permanecer. Para aquelas que conseguem superar os desafios, a formação acadêmica oferece uma oportunidade de construir um futuro melhor para suas famílias e atuar como exemplos para outras mulheres da comunidade.

O objetivo deste artigo é identificar os obstáculos que as mulheres da comunidade Monte Alegre I, em Upanema, RN, enfrentam para permanecer no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEdoC) na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), em Mossoró, RN.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEdoC)

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) surgiu como uma resposta à necessidade de formação de professores que compreendessem as especificidades das comunidades rurais e suas demandas educacionais. A proposta de uma formação voltada para o campo se insere em um contexto mais amplo de luta por direitos e inclusão social, buscando valorizar a cultura e as realidades locais.

O movimento pela educação do campo começou a ganhar força a partir da década de 1990, quando as discussões sobre a educação rural passaram a ser mais evidentes nas políticas públicas brasileiras. Segundo Arroyo (2017), “a Educação do Campo emerge como uma política pública que visa superar a exclusão social e educacional das populações rurais” (p.14). Nesse contexto, a formação de professores se torna fundamental para promover a emancipação e o desenvolvimento dessas comunidades.

Lima (2008) aponta a importância de que sejam incorporados novos valores e tecnologias aptas à realidade semiárida no âmbito da educação contextualizada. Neste sentido, de acordo com o projeto pedagógico da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (2019) a proposta da UFERSA de criação do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo mostra-se como uma oportunidade ímpar de intervir nessa realidade, a partir da formação de docentes para atuação em escolas do campo da região semiárida e da promoção de práticas pedagógicas contextualizadas com a cultura local, sem perder de vista os limites e potencialidades do semiárido brasileiro, integrando os princípios teóricos-metodológicos da Interdisciplinaridade e da Pedagogia da Alternância. (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO, 2019).

O curso é estruturado de forma interdisciplinar, integrando saberes acadêmicos e populares, e busca formar professores capazes de “atuar como agentes de transformação social e cultural nas suas comunidades” (GOUVEIA, 2010, p. 5). Essa proposta formativa está alinhada com a necessidade de oferecer uma educação que respeite e valorize a identidade camponesa, contribuindo para a construção de um futuro sustentável e justo.

A Educação do Campo emerge a partir de movimentos sociais, com destaque para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que, desde a década de 1980, tem pressionado o Estado a garantir uma educação de qualidade para as comunidades rurais. Essa abordagem educacional busca dialogar com os modos de vida camponesa e fundamenta-se na luta pela terra dos trabalhadores, opõe-se ao agronegócio e à ideologia capitalista (Faleiro; Farias, 2017).

Esses movimentos se posicionam não apenas como solicitantes de mais escolas e profissionais, mas como sujeitos coletivos na formulação de políticas para a formação de docentes-educadores. A partir de suas lutas por terra, território, agricultura camponesa e Reforma Agrária, emergem a defesa de cursos de Pedagogia da Terra e a formação de professores para atuar no campo (ARROYO, 2017).

A luta dos trabalhadores rurais pela valorização e reconhecimento dos povos do campo, incluindo ribeirinhos e quilombolas, persiste. Embora a educação esteja em constante transformação, o anseio por uma educação de qualidade permanece. A busca por melhores condições é uma constante, onde se almeja que as futuras gerações tenham acesso à educação e à universidade, mantendo uma conexão com o campo como seu lar.

2.2 A Trajetória de Luta das Mulheres no Contexto Universitário, Social e Rural

Desde o período da escravidão, elas eram tratadas como objetos de posse e submissão pelos seus senhores, forçadas a realizar trabalhos tanto no campo quanto nas casas, em funções que iam desde serviços domésticos a outros tipos de trabalho. Nesse contexto, reconfiguram-se as relações sociais, e essa estrutura reforça a valorização do trabalho masculino e a desqualificação do trabalho feminino, gerando relações de inferiorização da mulher.

"De acordo com Faleiro e Farias (2017). O patriarcado no campo reflete a desigualdade de gênero presente em toda a sociedade, baseado na supremacia masculina tanto no ambiente familiar quanto nas esferas públicas. Essa dinâmica resulta na divisão do trabalho por gênero, sobrecarregando as mulheres com múltiplas funções: cuidar da família, manter o lar e atuar na produção agrícola, tornando essas atividades centrais em suas vidas" (FALEIRO; FARIAS, 2017).

Nas áreas rurais, a luta das mulheres é ainda mais intensa. Além de enfrentarem os desafios comuns à desigualdade de gênero, as mulheres do campo têm de lidar com a

falta de acesso a recursos básicos como educação e saúde, somado às duras condições de trabalho agrícola. Pereira (2015) ressalta que as trabalhadoras rurais muitas vezes não têm reconhecimento por suas contribuições à economia e ao desenvolvimento rural, sendo também vítimas frequentes de violência. A resistência dessas mulheres envolve tanto a busca por igualdade de gênero quanto por melhorias nas condições de vida e trabalho no campo.

A trajetória de luta das mulheres nos contextos universitário, social e rural reflete uma resistência contínua em busca de igualdade de direitos e de oportunidades. No meio universitário, a presença feminina se intensificou ao longo das últimas décadas, trazendo mudanças importantes na educação superior. As mulheres conquistaram espaço nas universidades e atualmente são maioria em diversos cursos. Essa presença, no entanto, não elimina as barreiras impostas pelo machismo, como a discriminação acadêmica e a desigualdade salarial após a formação (Santos, 2013). A universidade, portanto, se tornou um local de transformação e resistência, onde as mulheres lutam não só por diplomas, mas por reconhecimento e equidade.

A inserção da mulher na universidade tem sido um marco importante, incentivando outras a se tornarem protagonistas de suas próprias histórias. Isso representa uma mudança significativa, permitindo que as mulheres não apenas frequentem a educação básica, mas também acessem o ensino superior, explorem novos ambientes e adquiram diferentes conhecimentos. Segundo Barreto (2014), as mulheres têm se destacado em número nas universidades de todas as regiões do Brasil, especialmente entre os 18 e 24 anos, fenômeno recente que se intensificou a partir dos anos 2000.

Contudo, nas comunidades rurais, as oportunidades para as mulheres ainda são escassas, e elas continuam a enfrentar situações de violência e abuso. Nesse contexto, a luta e a persistência tornam-se essenciais para que resultados positivos sejam alcançados no futuro. Como cita Freire (1987, p. 47), "Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero".

Essas lutas interconectadas nos contextos universitário, social e rural mostram que, apesar das adversidades, as mulheres continuam a lutar por justiça, igualdade e reconhecimento em todos os âmbitos da sociedade.

As mulheres têm buscado constantemente seus direitos e transformado oportunidades em trabalho, liderando a educação, uma vez que a maioria dos estudantes universitários é composta por mulheres. Nas comunidades rurais, elas estão avançando nos estudos e aproveitando novas oportunidades para garantir um futuro melhor para suas famílias. No entanto, enfrentam dificuldades diárias, tanto para chegar à universidade quanto em suas comunidades, onde os obstáculos são muitos. A jornada até a universidade é repleta de desafios, mas essas mulheres buscam constantemente melhorias e novas oportunidades, esforçando-se para se tornarem profissionais que contribuam para suas comunidades.

Apesar dos avanços, as mulheres ainda enfrentam preconceitos, sendo frequentemente vistas como membros inferiores da sociedade. Embora a discriminação tenha diminuído, muitos preconceitos ainda vêm de outras mulheres, como colegas e vizinhas, que criticam aquelas que buscam educação e emprego. Além de estudarem, as mulheres camponesas também trabalham ao lado de seus companheiros ou familiares nas lavouras, cuidam de seus filhos e gerenciam as responsabilidades domésticas, muitas vezes sem o reconhecimento que merecem por sua dedicação em buscar melhorias para suas famílias e comunidades.

Percebe-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres em permanecer no campo são a falta de trabalho e a precariedade da educação. Muitas mulheres saem, ainda adolescentes, do campo em busca de emprego e condições de ter sua própria renda, de estudar e, até mesmo, de conseguir continuidade aos estudos.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, o qual utilizaremos como instrumento o questionário para coletas de dados. Através de uma problemática, em busca de respostas. A partir de uma problemática iniciamos uma pesquisa em busca de respostas, ou seja, uma investigação.

Quando falamos em pesquisa qualitativa nos referimos a perguntas que deixem o entrevistado mais à vontade para fazer relatos, trazer uma resposta mais livre, que não vai ser anualizada por número e sim por seu material. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Os autores que seguem essa abordagem não se concentram na quantificação, mas sim na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, que são portadoras de crenças, valores, atitudes e hábitos. Eles focam na

vivência, na experiência cotidiana, além de analisar as estruturas e instituições como produtos da ação humana. Dessa perspectiva, a linguagem, as práticas e os objetos são inseparáveis (Minayo et al., 2002, p. 24; Farias; Nunes e Therrien, 2010, p. 59).

A pesquisa realizada entre março e abril de 2024 envolveu a participação de oito mulheres que são discentes ou egressas da LEdoC/ UFRSA. As mulheres responderam um questionário aberto contendo dezessete perguntas (APÊNDICE A).

O estudo foi conduzido no projeto de assentamento Monte Alegre I, localizado a 29 km da cidade de Upanema/RN. Essa comunidade abriga 106 famílias, além das famílias dos filhos dos assentados. O assentamento conta com uma escola de educação infantil e ensino fundamental, onde alguns professores possuem graduação em educação do campo. Também há um posto de saúde que atende toda a comunidade, áreas esportivas como quadras e campo de futebol, e igrejas católica e evangélica.

As questões abordadas foram de cunho pessoal, incluindo idade, estado civil, se têm filhos, quais eram suas ocupações antes de ingressar na universidade, as dificuldades enfrentadas durante o curso, seus objetivos e se recebem ajuda financeira e apoio da família.

A escolha da Temática dessa pesquisa surgiu através de uma disciplina Seminário Integrado III no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) no quinto período juntamente com a minha convivência com essas mulheres na comunidade surgiu o interesse em está buscando resultados.

Elas foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e consentiram com a utilização dos dados obtidos para fins acadêmicos, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que consta no APÊNDICE B.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil das mulheres envolvidas na pesquisa

Devido ao grande volume de perguntas e à quantidade de mulheres participantes na pesquisa, não foi possível apresentar todos os dados obtidos. As respostas foram analisadas, e selecionamos as mais relevantes para o objetivo deste trabalho.

Com o intuito de conhecer as entrevistadas, foi questionado sobre aspectos sociais relevantes a pesquisa. Para garantir a privacidade, as mulheres envolvidas na pesquisa

serão chamadas de (ENT 1, ENT 2, ENT 3, ENT 4, ENT 5, ENT 6, ENT 7, ENT 8). Os dados obtidos estão expressos no quadro 01.

Quadro 01. Perfil Social das Entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Filhos	Trabalha?	Estado civil
ENT 1	25 anos	0	Sim	Casada
ENT 2	26 anos	0	Sim	Casada
ENT 3	37 anos	1	Sim	Casada
ENT 4	36 anos	2	Sim	Casada
ENT 5	38 anos	3	Sim	Casada
ENT 6	56 anos	3	Sim	Casada
ENT 7	29 anos	0	Não	Casada
ENT 8	40 anos	Sim- não relatou quantidade	Sim	Casada

Fonte: Autoria própria, 2024.

Como podemos perceber, todas as entrevistadas são casadas e apenas três não tem filho e apenas uma não trabalha. A presença de mulheres camponesas que estudam e trabalham é essencial para a transformação das comunidades rurais. Elas não apenas contribuem para a economia local, mas também promovem mudanças sociais significativas ao desafiar normas tradicionais e lutar por igualdade de oportunidades. A educação dessas mulheres não só melhora suas condições de vida, mas também beneficia suas famílias e comunidades, criando um ciclo de desenvolvimento que pode ser transmitido para as próximas gerações.

As mães universitárias, especialmente aquelas do meio rural, enfrentam uma série de dificuldades ao tentar conciliar estudo, trabalho e cuidados dos filhos. Muitas dessas mulheres são responsáveis também por tarefas domésticas e atividades agrícolas. Isso gera uma sobrecarga significativa, que pode levar à exaustão física e emocional. A gestão do tempo é outro desafio constante, pois as obrigações acadêmicas, se somam às demais responsabilidades, e muitas vezes, as mães se veem forçadas a sacrificar seu próprio tempo pessoal para atender às demandas de todos.

Além desses fatores, ainda frequentemente enfrentam dificuldades em acessar recursos educacionais e de saúde, incluindo transporte, internet e materiais didáticos, que são essenciais para o sucesso acadêmico. A falta de infraestrutura nas áreas rurais pode limitar suas oportunidades de estudo.

Outro aspecto relevante é no tocante as normas sociais e culturais, que podem aumentar a pressão sobre as mães para que priorizem o cuidado dos filhos e o trabalho doméstico em detrimento de suas próprias aspirações educacionais. Essa pressão pode resultar em sentimento de culpa por dedicar tempo aos estudos.

No contexto social, as mulheres têm enfrentado o patriarcado, que historicamente as subjugou e perpetuou a desigualdade de gênero. Essa estrutura afeta as relações de poder tanto no ambiente doméstico quanto no trabalho. Cardoso (2011) afirma que as mulheres têm lutado contra a divisão sexual do trabalho, que sobrecarrega o gênero feminino com a responsabilidade do lar e do cuidado familiar, enquanto suas contribuições profissionais são desvalorizadas. Além disso, elas continuam resistindo à violência doméstica e ao abuso, fenômenos que ainda persistem em muitos lares brasileiros.

França e Euclides (2020) apontam que a maioria dessas relações de patriarcado acontece nas famílias do campo, em que os homens ainda enxergam suas companheiras de forma inferior, desvalorizando seu esforço e as oprimindo de certa forma, essas situações não foram citadas nas entrevistas, mas são situações que acontecem com frequência, tornando o relacionamento da família abalado, gerando conflitos, que por muitas vezes ocorrem a maior parte dos feminicídios.

Observar a carga horária de trabalho excessiva dessas mulheres, ambas têm que dar conta de trabalhar, cuidar da casa e dos filhos, ir à universidade, possivelmente estudar e ainda ir à igreja e demais lugares, é interessante que a maioria delas relatam ter apoio dos companheiros, porém não identificamos tal apoio, sendo que essa carga por muitas vezes é o que leva a desistência do curso. “A maioria das mulheres, por estar subordinada aos seus parceiros, chega a parar de estudar, para cuidar da casa e dos filhos, deixando assim, o seu sonho de conhecimento” (França e Euclides, 2020, p.185).

Mesmo diante de tantas dificuldades, nos últimos anos, as mulheres têm conquistado um espaço cada vez maior na sociedade, destacando-se em diversas áreas e construindo seus próprios valores. Esse reconhecimento é resultado de esforços diários,

e, apesar dos obstáculos enfrentados, elas seguem alcançando seus objetivos, investindo na educação e buscando melhorias para suas famílias.

Quando foi perguntado sobre as dificuldades que elas enfrentam para permanecer na Universidade, alguns recortes das respostas foram expressos abaixo:

ENT 1: “A luta diária, o transporte, o cansaço pelo fato de ser longe a faculdade da minha casa, falta de um notebook, conciliar trabalho, estudo e família”.

ENT 3: “O fato financeiro, questão do transporte e o distanciamento entre domicílio e as instituições, a não afinidade com o curso e questão pessoais também”.

ENT 4: “Desistir do curso, pelo fato do deslocamento para a faculdade, horários. Ter que sair da comunidade para a cidade, é muito cansativo, devido a distância”.

ENT 6: “Conciliar as lutas do dia, pela idade também, por ser longe de casa, o cansaço”.

ENT 8 “Ter que conciliar o estudo com as outras responsabilidades”.

Conforme os relatos acima, diversas dificuldades são encontradas para permanecer na universidade, especialmente por essas mulheres que vivem no campo. Elas acumulam tarefas como cuidar da casa, dos filhos e do companheiro, além de obrigações no campo, frequentemente sem apoio ou remuneração. Muitas também exercem atividades religiosas e comunitárias. Algumas trabalham em empregos formais, precisando conciliar os horários de trabalho, as tarefas domésticas e o tempo dedicado à universidade. Além disso, muitas citaram dificuldades financeiras, já que muitas famílias rurais não possuem renda fixa, dependendo de ajudas externas ou da venda informal de mercadorias.

França e Euclides (2020) apontam que muitas mulheres realizam as mesmas atividades que os homens, mas sem remuneração, o que desvaloriza e invisibiliza seu trabalho. Esse cenário impacta negativamente as trajetórias de mulheres que vivem no campo, onde os papéis esperados costumam se restringir ao cuidado do lar. Como resultado, muitas não conseguem seguir na educação formal, incluindo o acesso e a conclusão de cursos superiores.

Algumas entrevistadas mencionaram dificuldades relacionadas ao transporte e à distância entre suas residências e a universidade. Muitas precisavam se deslocar

utilizando dois meios de transporte, o que resultava em quase duas horas de viagem diariamente. Esse fator contribuiu para a desistência de uma das participantes.

As mulheres participantes da pesquisa precisam se deslocar alguns km da sua comunidade até o local que passa transporte para a cidade de Mossoró/ RN, e, em alguns casos, esse transporte precisa ser acessado na cidade de Upanema. Essa viagem é cansativa e demanda uma organização rigorosa, pois muitas têm aulas à tarde, o que resulta em retornos tardios, com ônibus passando pela universidade às 18h. Ao chegarem em casa à noite, elas ainda precisam organizar a casa, preparar a alimentação da família e estudar, tudo isso antes de acordar às 4h para chegar à universidade às 7h no dia seguinte.

Silva e Lopes (2023) dizem existir uma falha significativa na oferta de uma educação de qualidade, já que as precárias condições de permanência na universidade afetam diretamente o desempenho acadêmico dessas estudantes e de outros que enfrentam o mesmo problema. Destaca-se a necessidade de maior atenção da gestão universitária, especialmente em relação ao alojamento, uma demanda comum entre cursos de Licenciatura em Educação do Campo, considerado essencial para garantir a permanência dos discentes nas universidades.

A falta de recursos, como computadores ou notebooks, também é uma realidade comum. Muitas vezes, os discentes, incluindo eu, passamos o dia na universidade para concluir tarefas na biblioteca ou na sala de estudos, em virtude da presença de computadores.

Essa luta para conciliar a graduação, o trabalho e as responsabilidades familiares frequentemente resulta em sacrifícios. Muitas mulheres que ingressam na LEdoC, acabam desistindo do curso, tanto pelas questões mencionadas anteriormente, quanto por não ter rede de apoio para ajudar com os filhos e as tarefas diárias.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres do campo para permanecer no ensino superior são múltiplas e complexas, envolvendo fatores econômicos, sociais e estruturais. A sobrecarga de tarefas domésticas e agrícolas, a falta de apoio familiar, os desafios financeiros e as longas distâncias até as universidades são barreiras significativas que impactam tanto o acesso quanto a conclusão de seus estudos.

Além disso, a falta de políticas institucionais adequadas, como moradias estudantis e auxílios financeiros, agrava essa situação. Para promover maior equidade e garantir que essas mulheres possam seguir suas trajetórias acadêmicas, é fundamental que haja um compromisso mais efetivo das universidades e do poder público em atender às suas necessidades específicas, oferecendo suporte e condições que favoreçam sua permanência no ensino superior.

Quando questionadas sobre a relação familiar após o ingresso na universidade, temos:

ENT 1 “Sempre tive uma relação muito boa com minha família sempre tive o incentivo aos estudos, com a faculdade só venho a melhora”.

ENT 3 “A universidade é uma porta aberta para novos conhecimentos, novas experiências e estes quando compartilhados e vivências no ambiente familiar gera uma nova forma de nos conectar melhor nossos diálogos”.

A relação com a família é fundamental para a permanência no curso, especialmente porque a mulher, em muitos casos, é a principal responsável pela união e cuidado familiar. Manter uma boa relação familiar pode ser decisivo para a continuidade dos estudos. A troca de conhecimento, a vivência de novas experiências e as oportunidades que surgem com o apoio familiar oferecem o incentivo necessário para seguir e concluir o curso.

O apoio do companheiro é um fator crucial, contribuindo significativamente para a trajetória acadêmica. A ausência desse apoio pode afetar negativamente o emocional, fazendo com que a mulher se sinta desvalorizada, culpada e oprimida. Segundo as entrevistadas, elas costumam receber suporte de suas famílias e companheiros, destacando a importância de uma relação de igualdade, em que ambos caminham lado a lado, sem a imposição de superioridade de um sobre o outro.

Segundo França e Euclides (2020), a desmotivação do companheiro, que busca inferiorizar a capacidade de sua companheira, reflete o patriarcado profundamente enraizado na cultura. Frases como 'o lugar de mulher casada é em casa' são comuns no cotidiano campestre.

O ingresso na universidade traz desafios e transformações significativas para a relação familiar das mulheres do campo. Muitas enfrentam uma reconfiguração dos papéis tradicionais, onde a busca por educação superior pode gerar tensões, especialmente

em contextos patriarcais. Assim, o fortalecimento dos vínculos familiares e a promoção de relações de igualdade são fundamentais para que elas consigam conciliar suas responsabilidades e aspirações acadêmicas.

Em relação as mudanças na vida após o ingresso no ensino superior, algumas respostas foram:

ENT 1: “Mudou na área do conhecimento e nas oportunidades de trabalho”.

ENT 3: “Muitas coisas mudam ao entrarmos numa universidade a começar a nos organizar melhor para adaptamos com a nova rotina, muda a nossa forma de enxergar o mundo, a partir de outras perspectivas, aprendemos a nos relacionar melhor e sermos melhores ouvintes, a respeitar as diferenças”.

A maioria das entrevistadas relatou que a experiência universitária trouxe mudanças significativas em suas vidas, especialmente em relação ao aprendizado e à rotina diária. Elas destacaram a oportunidade de conhecer novas pessoas, o que contribuiu para um sentimento de liberdade ao se afastarem do ambiente familiar cotidiano. A interação com docentes e colegas de sala, enriquece suas experiências e amplia suas perspectivas em relação a vida profissional.

Silva e Lopes (2023) relatam em seu estudo, que ao serem questionadas sobre as mudanças que o ingresso no ensino superior trouxe para suas vidas, todas as entrevistadas destacaram a palavra "conhecimento". Esse novo aprendizado proporcionou um "ar de liberdade" nas suas falas. As transformações vivenciadas por essas mulheres camponesas, que se tornaram estudantes em uma universidade pública, evidenciam o caráter emancipador do acesso à educação.

Para França e Euclides (2020), a presença da mulher em espaços públicos, como universidades e eventos, é frequentemente percebida como uma afronta, desafiando a noção de que esses locais não são destinados a elas.

A falta de tempo para o autocuidado pode prejudicar os relacionamentos familiares, tornando a rotina monótona. Nesse contexto, ir à universidade se torna uma atividade renovadora, onde se discutem temas variados e se recebe mais atenção do que em casa. Essa experiência permite que a mulher se liberte, desafie sua realidade e interaja de maneira diferente no meio social.

Outra pergunta do questionário foi sobre a intenção delas em ingressar em outro curso e as perspectivas após o término da licenciatura em educação do campo. Os recortes das respostas foram:

ENT 1: “Sim. Licenciatura em matemática, ingressar no mestrado e trabalha na área”.

ENT 2: “Sim, mestrado em educação”.

ENT 3: “Talvez. Caso aparecesse uma oportunidade de cursar psicologia seria uma possibilidade a si pensar. Fazer uma pós e me inserir no mercado de trabalho, porém ultimamente tenho dedicado um tempo a estudar para concursos públicos”.

ENT 7: “Não terminei o curso, desistir no primeiro período”.

ENT 8: “Não concluir o curso mais fiz um técnico”.

ENT 9: “Sim, fiz o curso técnico de enfermagem”.

Apesar de a maioria das entrevistadas relatarem que pretendem seguir para cursos uma pós-graduação, duas das entrevistadas relataram não ter interesse em continuar os estudos, sendo a formação continuada fundamental, pois nos atualiza sobre o que nos cerca e amplia nossas perspectivas. Segundo Alvarado-Prada; Freitas e Freitas (2010, p. 370), “o desenvolvimento humano ocorre no processo de aprendizagem e vice-versa; a formação é, portanto, um processo de desenvolvimento humano e profissional”.

Segundo Silva e Medeiros (2021), a formação continuada de professores é um recurso valioso que os auxilia no processo de ensino e aprendizagem, permitindo a busca por novas informações teórico-metodológicas para aprimorar suas práticas pedagógicas. Esse processo é contínuo, devendo ser vivenciado em todas as etapas da carreira docente, pois é crucial que os educadores se atualizem constantemente para melhorar suas ações profissionais e pedagógicas.

A formação continuada é fundamental para mulheres do campo que cursam Licenciatura em Educação do Campo, pois oferece oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Essa formação as atualiza em novas metodologias e práticas pedagógicas relevantes para o contexto rural, permitindo a adaptação do conteúdo curricular às necessidades de suas comunidades. Além disso, fortalece a autoestima e a confiança, promovendo autonomia e empoderamento, ao romper com ciclos de subordinação social e econômica. Também cria redes de apoio e colaboração, facilitando a troca de experiências, o que é crucial em áreas rurais. Assim, essa formação enriquece

a prática docente e contribui para a transformação social e educacional das comunidades, respeitando e valorizando a cultura local.

Outra pergunta abordou a percepção delas sobre a importância das mulheres na universidade. Algumas respostas estão apresentadas a seguir:

ENT 1: “Vejo com muita importância nossa presença nas universidades e em modo geral, liderança, quebrando paradigmas”.

ENT 2: “Compreendo como algo de grande importância, tanto no quesito acadêmico quando social e profissional, promovendo a autonomia, liderança e quebra de paradigmas”.

ENT 3: “É importante porque, primeiro, a universidade é um espaço para todos e assim como o homem, a mulher é um ser inteligente e extremamente capazes de alcançarem altos e novos patamares e universidades e o espaço ideal para que elas possam aprimorar e desenvolver suas habilidades através ensino e conhecimento”.

ENT 4: “Compreendo com lugar de grande importância, pois, faz com a mulher seja incluída em sociedade com mais conhecimento gerais, trazendo seu empoderamento e pertencimento no meio social”.

ENT 8: “É de ampla importância a nossa presença nas universidades, ter seus cargos na sociedade”.

A presença das mulheres é essencial e necessária em todos os âmbitos da sociedade, incluindo o lar, as ruas, o mercado de trabalho e a esfera política. As mulheres têm o direito de ocupar qualquer espaço que desejarem, desde que possuam determinação e coragem, qualidades que são desenvolvidas ao longo da vida por meio de experiências, desafios e aprendizados.

Na universidade, esse direito se reflete na busca pela conclusão de um curso superior, uma conquista significativa que permite às mulheres serem autoras de suas próprias histórias. O ambiente universitário proporciona uma ampla gama de opções, interações, culturas e experiências, representando uma oportunidade de exploração além da realidade cotidiana.

A LEdoC contribui significativamente para a valorização e o reconhecimento das mulheres na sociedade. A educação, sem dúvida, promove a libertação, sendo

fundamental ressaltar a importância de uma educação libertadora em todos os aspectos da cidadania, especialmente na busca pela igualdade nas relações de gênero.

De acordo com França e Euclides (2020), a inserção das mulheres na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) propicia um espaço de reflexão e autoavaliação, permitindo-lhes contribuir para uma nova organização social. Por meio das discussões promovidas no curso, as mulheres desenvolveram um olhar crítico sobre a realidade, levando-as a não aceitar mais a dominação masculina. A abordagem política e emancipatória do curso tem possibilitado a construção de uma sociedade mais justa e humanitária.

A presença das mulheres como maioria entre os estudantes universitários brasileiros é um fenômeno relativamente recente. Em 1956, elas representavam apenas 26% do total de matriculados, e em 1971, esse número não ultrapassava 40% (BARRETO, 2014, p. 14).

A universidade muitas vezes atua como um refúgio e um espaço de empoderamento feminino, onde encontramos respostas sobre como agir e realizamos nossos sonhos de forma independente. É um ambiente que nos proporciona conhecimento sobre nossos direitos e revela que há muito mais fora das comunidades, conhecimentos que podemos trazer de volta para transformar vidas.

As universidades moldam indivíduos, ampliam nossa visão de mundo e nos inserem na sociedade de maneiras inesperadas. Para muitas mulheres, a conclusão de um curso superior e a conquista de um emprego representam a oportunidade de mudar suas realidades, muitas vezes marcadas por anos dedicados aos cuidados do lar e dos filhos, sem a liberdade de buscar interesses pessoais.

Os relatos das entrevistadas revelam sua força e coragem para lutar, rompendo com ciclos hierárquicos e conciliando diferentes espaços e tempos para suas atividades. Por meio de suas atitudes resilientes, essas mulheres inspiram suas filhas e filhos a adotarem novas perspectivas humanistas sobre o papel das mulheres em diversos setores da sociedade, incluindo o Ensino Superior.

Também foi questionado sobre outros desafios que as mulheres com quem elas convivem enfrentam para acessar e permanecer em uma instituição de ensino superior. Algumas das respostas foram:

ENT 2: “Falta de apoio familiar, falta de apoio financeiro, distância da universidade, casamento e filhos”.

ETN 3: “Vejo que muitas mulheres enfrentam diversos para ter acesso e permanecer em uma universidade tais como: falta de apoio familiar, muitas delas tem filhos pequenos e não tem com quem deixá-los enquanto estudam, como também aquelas que necessitam trabalharem pôr as provedoras do lar, tem aquelas que acreditam ter passado do tempo de estudarem, outras por resistência por parte do Conge, também as que não se arriscar por morar longe das universidades e não tem condições de pagarem transportes, entre outros”.

ENT 5: “Maioria das mulheres a dificuldade e por ter filhos e não ter com quem deixar para ir para a universidade, muitos casamentos complicados também”.

As respostas a essa questão foram bastante variadas. Como podemos observar ao longo deste trabalho, existem muitas dificuldades, mas algumas se destacam. Metade das entrevistas falam da falta de apoio da família é frequentemente mencionada; sem esse suporte, essas mulheres enfrentam dificuldades, seja para que alguém cuide dos filhos ou para que as busquem na parada de ônibus. O apoio familiar é fundamental para a continuidade e conclusão do curso, servindo como um suporte essencial.

Quando contamos com o apoio da família, o peso das responsabilidades se torna mais leve, nos proporcionando força e coragem para avançar, pois sabemos que há alguém torcendo por nós e aguardando nossos resultados e conquistas. Quatro entrevistadas mencionaram dificuldades relacionadas ao apoio familiar, especialmente financeiro, enquanto as demais relataram desafios na locomoção e na falta de uma rede de apoio para cuidar dos filhos.

A distância da universidade, conforme mencionado anteriormente, implica em um trajeto longo que consome muito tempo e requer organização. Ao saírem de casa cedo, é necessário deixar tudo preparado em casa para aqueles que permanecem, sejam filhos e/ou companheiros. Além disso, a questão financeira é um fator relevante, pois as despesas incluem, além das refeições, custos com xerox, transporte, e outras necessidades, tornando o custo de permanência na faculdade relativamente alto.

Em seu estudo, Silva e Lopes (2023) apontam que o apoio de alguns membros da família emerge como um dos principais fatores que fortalece as mulheres na escolha de ingressar e permanecer em um curso superior, especialmente na Licenciatura em

Educação do Campo (LEdoC). As quatro mulheres entrevistadas relataram, com um “ar de orgulho” e segurança, que mesmo passando pelo menos cinco dias longe dos filhos e familiares, sentem-se encorajadas pelo suporte familiar. Esse apoio é fundamental para que essas mulheres consigam conduzir suas atividades acadêmicas e alcançar o tão desejado diploma de ensino superior.

A partir das respostas das entrevistadas, fica evidente que cada aspecto e experiência vivida são fundamentais para moldar nosso futuro. Tudo contribui como lição e aprendizado, e nossos conhecimentos prévios servem como raízes, integrando nosso processo de formação enquanto sujeitos na sociedade. “Ao nos aproximarmos dessa concepção de educação – a Pedagogia do Oprimido – aprendemos que todo conhecimento e toda concepção têm origem nas experiências sociais” (ARROYO, 2017, p. 555).

Lugares como escolas, universidades e cursos que formam professores para são lugares de luta e ocupação, devem ser ocupados por nós, mulheres do campo, para que possamos fincar nossas raízes, compartilhar nossas histórias, lutar por um futuro melhor, futura que inclua o homem e a mulher do campo, a nossa luta não para, é preciso resistir, insistir, até não termos mais força, vencer nem sempre significa ser mais forte, mas não desistir sim. Como afirma Arroyo (2017) a escola, a universidade e os cursos de formação de professores do campo, indígenas, quilombolas são mais outros territórios de luta e de ocupação por direitos.

As lutas diárias que enfrentamos fazem parte do processo de reconhecimento da liberdade e da busca pela autonomia. O ato de cursar uma graduação é uma forma de resistência e libertação, permitindo-nos reconhecer as opressões que vivemos e as dificuldades impostas por outras pessoas ao longo de nosso caminho. Essa luta nos fortalece. Freire (1987, p.32) aponta que “Se os líderes revolucionários de todos os tempos afirmam a necessidade do convencimento das massas oprimidas para que aceitem a luta pela libertação – o que de resto é óbvio – reconhecem implicitamente o sentido pedagógico dessa luta”.

O estudo de França e Euclides (2020) destaca que o Curso de Licenciatura em Educação do Campo promove segurança e reconhecimento entre os discentes por meio de aulas, eventos e outros espaços de aprendizado. Essa formação traz mudanças significativas na vida deles, permitindo que desenvolvam suas próprias opiniões e intervenham em sua realidade. De maneira semelhante, o Curso de Licenciatura em

Educação do Campo da UFRSA também oferece resultados positivos, incentivando discentes a lutarem pela permanência na instituição.

Os desafios por ingresso e permanência na Universidade pelas mulheres camponesas é marcada por desafios significativos, incluindo a necessidade de apoio familiar, a superação de barreiras sociais e econômicas, e a busca por reconhecimento e autonomia. Essas mulheres enfrentam um contexto de desigualdade, mas, por meio da educação, elas encontram oportunidades para transformar suas realidades e reivindicar seus direitos. O acesso ao ensino superior não apenas fortalece sua autoestima e capacidade de liderança, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde suas vozes e experiências são valorizadas. Essa trajetória revela a importância da educação como um instrumento de empoderamento e transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada, é possível identificar as diversas dificuldades que as mulheres do PA Monte Alegre I em Upanema/ RN, enfrentam desde o ingresso até a conclusão do ensino superior. A transição do ensino básico para o ensino superior é repleta de obstáculos, os quais as mulheres carregam como uma bagagem significativa, que abrange tanto as adversidades enfrentadas quanto o vasto conhecimento acumulado ao longo de suas experiências. As entrevistadas relataram desafios que vão desde a organização para deixar a casa em ordem, incluindo a preparação de refeições para o dia seguinte, até a logística necessária para chegar à parada de ônibus. Para tanto, é fundamental que elas disponham de uma rede de apoio que possa cuidar de seus filhos, além de recursos para transporte, alimentação e outras necessidades financeiras, como a compra de passagens, combustível ou materiais para estudos, como cópias.

Essas mulheres, que exercem papéis significativos tanto no âmbito familiar quanto na sociedade, buscam autonomia e liberdade, almejando o acesso à educação superior e a um mundo que parece distante de sua realidade. Embora algumas tenham optado por desistir de seus estudos, a maioria se manteve firme diante das dificuldades, que incluem questões financeiras, a falta de apoio familiar e a distância até a instituição de ensino. Para muitas, esses desafios, em vez de serem barreiras intransponíveis, tornaram-se forças motivadoras que as impulsionaram a perseverar em busca de um sonho: a conclusão de um curso superior, a inserção no mercado de trabalho e a construção de um futuro mais

promissor. Essa realidade reflete a trajetória de inúmeras mulheres que, mesmo diante das adversidades, continuam a lutar por seu espaço na sociedade e nas universidades.

REFERÊNCIAS

ALVORADO-PRADA, L. E.; FREITAS, T. C.; FREITAS, C. A. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2464>. Acesso em: 11 outubro 2024.

ARROYO, M. G. **Educação do Campo: Concepções e Práticas**. São Paulo: Editora Ousadia, 2017.

BARRETO, A. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Caderno do GEA**, Rio de Janeiro, n. 06, dez. 2014.

CARDOSO, M. **Patriarcado e Resistência Feminina no Brasil**. São Paulo: Editora Mulheres, 2011.

FARIAS, I. M. S.; NUNES, J. B. C. N.; THERRIEN, S. M. N. **Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto**. v. 1. Fortaleza: EdUECE, 2010.

FALEIRO, W.; FARIAS, M. N.; **Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas**. Universidade Federal de Goiás, Catalão, GO, Brasil. Educ. Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 833-846, jul./set., 2017.

FRANÇA, C. L. B.; EUCLIDES, M. S. Mulheres camponesas no curso superior de Licenciatura em Educação do Campo: enfrentamento (existência). **Cadernos Cajuína**, v. 5, n. 3, 2020. p. 182 a 192.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOUVEIA, E. A. Licenciatura em Educação do Campo: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2010.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Ed 25. Editora Vozes. Petrópolis: 2002.

LIMA, E. S. **A formação continuada de professores no Semiárido: valorizando experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos.** 2008. 240f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

PEREIRA, L. **Mulheres Rurais e a Luta por Reconhecimento.** Rio de Janeiro: Editora Campo.2015.

SANTOS, A. **A Mulher na Universidade: Desafios e Conquistas.** Porto Alegre: Editora Acadêmica, 2013.

SILVA, I. M. F.; LOPES, S. G. Mulheres Camponesas e a quebra das cercas do latifúndio educacional: do campo ao ensino superior. **Revista Brasileira de Educação do Campo.** v. 8. 2023.

SILVA, E. B.; MEDEIROS, A. Formação continuada de professores da educação básica no campo. **Revista de Educação Popular,** v. 20, n. 1, p. 56–76, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC).** Mossoró, 2019.

Disponível em: [\[https://LEdoC.ufersa.edu.br/projeto-pedagogico-do-curso-2019/\]](https://LEdoC.ufersa.edu.br/projeto-pedagogico-do-curso-2019/).

Acesso em: 12 set 2024.

APÊNDICE A- Questionário Aplicado com as Mulheres do PA Monte Alegre I e que são Discentes da LEdoC na UFERSA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO- UFERSA
CENTRO DE CIENCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS-CCSAH
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-LEdoC
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC
DISCENTE: MARIA CLARICE DE SOUZA

Questionário

1. Idade:
2. Nome do curso e universidade:
3. Você é casada?
4. Trabalha? Sim () ou não ().
5. Tem filhos(as)?
6. Quanto tempo passou para concluir o ensino fundamental e ensino médio?
7. Quais são as dificuldades que você enfrenta para permanecer na Universidade?
(qual o fez desistir).
8. Sua relação com sua família, mudou após você está estudando?
9. Você tem apoio familiar para permanecer na Universidade? Como é sua relação com eles?
10. O que mudou na sua vida após estar em uma faculdade?
11. Qual maior dificuldade você tem em estudar?
12. Você pretende ingressar em outro curso? Qual?
13. A terminar o curso, qual seu maior sonho?
14. Como você compreender a importância das mulheres na Universidade?
15. Antes de ingressar na Universidade qual era a sua ocupação?
16. Você tem apoio para os estudos?
17. Atualmente, quais os desafios que as mulheres enfrentam para ter acesso e permanência em uma instituição de ensino superior?

APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisadores Responsáveis: Profa. Dra. Késia Kelly V. Castro/ kesia.castro@ufersa.edu.br
Maria Clarice de Souza (Discente do curso de Lic. Educação Campo- UFERSA)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa LUTA E CONQUISTAS DAS MULHERES CAMPONESAS NA UNIVERSIDADE: ANÁLISE A PARTIR DO P.A. MONTE ALEGRE 1 UPANEMA/RN, da UFERSA/ Mossoró. Sua colaboração é de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, é de forma voluntária, onde você não terá nenhum pagamento e/ou custo referente à sua participação no estudo.

Sua identidade pessoal (nome e demais dados) será mantida em sigilo e os materiais utilizados para coleta dos dados ficarão armazenados sob responsabilidade da professora responsável por cinco anos, após esse período serão queimados e apagados do banco de dados. Os resultados poderão ser divulgados e apresentados em congressos e outros eventos científicos ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, ou qualquer informação que esteja relacionada com a sua privacidade.

Em qualquer momento você poderá solicitar esclarecimentos ou informações adicionais sobre o andamento da pesquisa, através da professora responsável. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo, além de também não permitir a utilização dos dados coletados durante a pesquisa.

O estudo será realizado através de um questionário contendo 17 (dezesete) perguntas sobre o tema da pesquisa, e no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Existem duas vias para você assinar, onde uma delas é sua e a outra será arquivada pela professora orientadora.

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Mossoró, 20 de março de 2024

Discente:

Professora Responsável